

O MEU PRÉMIO

Qualquer prémio Secil dará sempre muita satisfação e orgulho a quem o recebe.

O Prémio Secil de Engenharia Civil, esse então, tornou-se no Nobel da engenharia em Portugal. Isso aconteceu por mérito da própria Secil, mas também do apoio da Ordem dos Engenheiros e da qualidade e independência dos seus júris. A ele ninguém ficará indiferente.

No meu caso existem razões reforçadas para essa satisfação pessoal. Foram mais de 10 anos de trabalho e de lutas. Principalmente de lutas.

Um concurso público internacional de concepção/construção muito participado e exigente; As questões de um júri independente, multidisciplinar, competente e corajoso; Análises de validação da solução seleccionada com ensaios físicos em laboratório, modelos matemáticos e estudos ambientais; Uma discussão pública aberta, participada e aguerrida; Uma contestação surda, por vezes pública, dos "velhos do Restelo"; As dificuldades próprias de um programa ambicioso, que combinava exigências hidráulicas, sedimentares, estruturais, paisagísticas, de navegação e de integração urbana; E das obras que não usam solicitações de ocorrência 1 vez em 1000 anos mas em 100 anos, ou seja, que sabemos irão provavelmente sofrer estragos durante a nossa própria vida.

Um trabalho colectivo, como gosto, de uma equipa técnica de projecto e consultoria coesa e multidisciplinar, com engenheiros civis e outros, arquitectos, economistas, geólogos e biólogos, abrangendo os técnicos dos Construtores e do Dono de Obra. Um trabalho de concepção, de direcção e de coordenação que deu trabalho, mas que foi feito com alegria, entusiasmo, confiança e gozo, muito gozo.

Ficaram adquiridas neste caminho e reforçadas com este Prémio as principais bandeiras deste trabalho e destas lutas:

A vitória da imaginação e da inovação na obra de engenharia civil, sobre o habitual pragmatismo cinzento e repetitivo;
A transformação do "forte e feio" molhe costeiro, num equipamento urbano e lúdico de qualidade e de utilização pública;
O predomínio do trabalho de equipa multidisciplinar, sobre a perspectiva individualista, tão característica da engenharia de estruturas;
O desfazer da dicotomia "projecto de engenharia versus projecto de arquitectura", em benefício do conceito: Um objecto - um projecto;
A saída da obra marítima e portuária do nível do "patinho feio" para o das "nobres" obras estruturais da engenharia civil;
O reconhecimento da compatibilidade das responsabilidades empresariais com o exercício profissional criativo e não académico.

